

COMPREENSÃO DOS PAIS SOBRE A EXPOSIÇÃO DOS FILHOS AOS RISCOS DAS IST/AIDS¹**PARENTS' UNDERSTANDING OF CHILDREN'S EXPOSURE TO THE RISKS OF STD/AIDS****COMPRESIÓN DE LOS PADRES SOBRE LA EXPOSICIÓN DE LOS HIJOS A LOS RIESGOS DE LAS ETS/SIDA**MARÍLIA LIMA DE HOLANDA²MARIA DE FÁTIMA ANTERO SOUSA MACHADO³NEIVA FRANCENELY CUNHA VIEIRA⁴MARIA GRASIELA TEIXEIRA BARROSO⁵

Uma forma de reduzir a grande incidência das IST/aids entre adolescentes é o diálogo dos pais como forma de aconselhamento, prevenção e educação sexual. Esta pesquisa objetivou investigar a compreensão dos pais quanto ao risco de uma infecção por IST/AIDS em seus filhos adolescentes. Trata-se de um estudo descritivo e exploratório, realizado com pais de adolescentes de uma escola pública de Fortaleza-Ceará-Brasil, que teve como instrumento de coleta de dados um questionário. Evidenciamos no estudo que os pais demonstraram certo conhecimento acerca das IST/AIDS, no entanto fatores impediram o diálogo com seus filhos. Conclui-se que a mulher é a grande responsável pela educação sexual dos filhos e que ainda não encara IST/aids como problema, o que resulta em pouco diálogo acerca sexo/sexualidade entre pais e filhos.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescente; Doenças Sexualmente Transmissíveis; relações pais-filho; promoção da saúde; Aids.

A Dialogue between parents and children as a way to advise, prevent and educate them about sex is a great method to reduce the incidence of STD/AIDS. The aim of this descriptive and exploratory research is to investigate parents' understanding towards the risk their adolescents run of getting a STD/AIDS infection. It took place in a public school in Fortaleza-Ceará-Brazil and the data was collected from the teenagers' parents through questionnaires. The results showed that the parents knew a little about STD/AIDS; however they didn't feel comfortable discussing sexual concerns with their children. In conclusion, women are the great responsible for the sexual education of their children and still don't face STD/AIDS as a problem, what results in lack of dialogue about sex/sexuality between parents and children.

KEYWORDS: adolescent; sexually transmitted diseases; parent-child relationship; health promotion, AIDS.

Un modo de reducir la gran incidencia de las ETS/SIDA entre adolescentes es el diálogo con los padres como una forma de proporcionar consejo, prevención y educación sexual. Esta investigación tuvo como objetivo investigar la comprensión de los padres acerca del riesgo de infección por ETS/SIDA en sus hijos adolescentes. Se trata de un estudio descriptivo y exploratorio, realizado con padres de adolescentes de una escuela pública de Fortaleza-Ceará-Brasil, que utilizó un cuestionario como instrumento de obtención de datos. A través del estudio evidenciamos que los padres demostraron cierto conocimiento acerca de las ETS/SIDA, sin embargo algunos factores impidieron el diálogo con sus hijos. Se concluye que la mujer es la mayor responsable por la educación sexual de los hijos y que todavía no enfrenta las ETS/SIDA como un problema, lo que resulta en poco diálogo sobre sexo / sexualidad entre padres e hijos.

PALABRAS CLAVE: Adolescente; Enfermedades sexualmente transmisibles; Relación padres-hijos; Promoción de la salud. SIDA.

¹ Subprojeto do Projeto Integrado de Pesquisa: Educação em Saúde no Contexto da Promoção Humana – uma investigação na enfermagem. Apoio CNPq.

² Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará – UFC. Bolsista PIBIC – CNPq. Membro do Projeto AIDS: Educação e prevenção. Integrante do Grupo de Pesquisa FAMEPE – Família, Ensino, Pesquisa e Extensão.

³ Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem na UFC. Professora adjunta do curso de Enfermagem da Universidade Regional do Cariri – URCA. Integrante do Grupo de Pesquisa FAMEPE – Família, Ensino, Pesquisa e Extensão.

⁴ Enfermeira. PhD pela Universidade de Bristol. Professora adjunta da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem – FFOE da UFC. Coordenadora do Projeto de Pesquisa AIDS: Educação e prevenção. Integrante do Grupo de Pesquisa FAMEPE – Família, Ensino, Pesquisa e Extensão. E-mail: nvieira@ufc.br.

⁵ Enfermeira. Professora Emérita pela UFC. Docente livre, titular do Departamento de Enfermagem – FFOE/ UFC. Coordenadora do Projeto de Pesquisa Educação em Saúde no Contexto da Promoção Humana – CNPq. E-mail: grasiela@ufc.br.

INTRODUÇÃO

Diante do grande impacto da epidemia das infecções sexualmente transmissíveis (IST) e da Aids no Brasil, alguns paradoxos têm merecido a atenção dos profissionais da área. Apesar das informações sobre transmissão e prevenção do HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) e das IST estarem sendo maciçamente divulgadas, a epidemia a cada dia vem aumentando o seu número de casos¹. Essa epidemia teve o seu perfil epidemiológico modificado devido ao grande número de jovens; mulheres; heterossexuais; pobres e habitantes de pequenas cidades estarem sendo infectados².

O Ministério da Saúde, por meio da Coordenação Nacional de DST/Aids, contabilizou os números de Aids no Brasil desde 1999 até dezembro de 2002. Por meio desse levantamento, observa-se que os dados obtidos em relação à faixa etária de 13 a 19 anos são preocupantes: nessa população o número de novos casos da epidemia tem atingido mais os adolescentes do sexo feminino do que do sexo masculino³.

A forma como se dá o início da vida sexual ativa entre as meninas pode ser uma explicação para esse quadro. Geralmente, as adolescentes se iniciam sexualmente com homens com maior experiência sexual e mais expostos aos riscos de contaminação por IST/AIDS. Normalmente, esses homens estão mais preocupados com uma gravidez indesejada e estimulam suas parceiras a tomar anticoncepcionais, mas não a usar preservativos, deixando-as mais expostas a transmissão do HIV e de outras IST³.

Juntamente com uma idade mais precoce de início sexual está a ocorrência mais cedo da menarca⁴. Essa transformação evolutiva é responsável por uma mudança no comportamento sexual dos adolescentes e tem como principal consequência a gravidez na adolescência.

Essa maior importância dada à gravidez pode ser devido ao fato de hoje a gravidez na adolescência ser considerada um problema de saúde pública no Brasil e em outros países⁵. Outra razão dá-se pela exposição visível na aparência do corpo da mulher, o que não acontece no caso das IST e HIV.

A incidência das IST/aids tem aumentado na população em geral, sendo que entre adolescentes o número de

contaminados está cada vez maior. Esse crescimento pode ser resultado da percepção errônea que, ainda hoje, grande parte da população tem de não ser vulnerável a adquirir qualquer infecção, devido à presença da atitude que reforça a idéia e risco que o problema IST/aids nunca vai acontecer comigo⁶. O mesmo pode acontecer com os pais por entender que seus filhos estão totalmente fora do perigo de uma contaminação por esse tipo de doença.

Apesar da maioria dos adolescentes ter informações acerca das medidas de prevenção das IST/aids, esse conhecimento ainda não parece ser suficiente para assegurar comportamentos sexuais seguros⁶. A maior parte desse conhecimento é proveniente da televisão e consiste em um conhecimento, às vezes superficial sem conseguir sensibilizá-los sobre o risco das inúmeras doenças sexualmente transmissíveis e de adoção de um comportamento seguro.

As famílias deveriam utilizar mais o diálogo como uma forma de aconselhamento na educação de seus filhos adolescentes para a prevenção, porém esbarram em barreiras como: preconceitos, tabus, vergonha, despreocupação dos jovens com o risco pessoal, falta de tempo e de informação suficiente dos pais sobre IST/aids, não participando assim de forma eficiente na prevenção dessas doenças e dificultando a educação de seus filhos⁷.

É preciso que os profissionais de saúde implementem a adoção do diálogo informativo a respeito das diferentes doenças ocasionadas pelas relações sexuais desprotegidas com os pais, adolescentes e professores, inovando a forma e a qualidade das informações, de modo a viabilizar maior aderência da população às práticas do comportamento sexual seguro.

Os profissionais de saúde devem esforçar-se no sentido de desempenhar um significativo papel na educação para a prevenção das IST. O resultado dessa ação preventiva pode ser visto não só na atitude do sujeito que entrou em contato com esse profissional, pois com o conhecimento adquirido, essas pessoas se sentem estimuladas, em seus papéis sociais de mãe, pai, avós, tios e professores a falar com seus jovens filhos, netos, sobrinhos e alunos acerca do risco da aids⁸.

É dentro desse contexto que direcionamos nosso estudo, no qual buscamos investigar a percepção dos pais

quanto ao risco de uma infecção por IST/aids em seus filhos adolescentes.

O interesse por essa temática se deu a partir da inserção das autoras em projeto de extensão, o qual desenvolve atividades de educação em saúde em uma escola da rede pública. Foi possível observar que muitos adolescentes queixavam-se da falta de participação dos pais e da própria escola nesse processo de educação. Esse fato nos motivou a desenvolver esta pesquisa.

Desta forma o estudo foi norteado pelos seguintes objetivos: investigar a compreensão dos pais quanto ao risco das IST e pela aids em seus filhos adolescentes; identificar o conhecimento desses pais sobre IST/aids e identificar se existe diálogo entre os pais com seus filhos adolescentes sobre prevenção das IST/aids.

Esperamos que este estudo possa elucidar contribuições ao debate sobre o tema e estimular ações estratégicas que possam aproximar o diálogo entre profissionais, pais e adolescentes no que se refere à prevenção dessas patologias e à promoção de sua saúde.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo do tipo descritivo e exploratório. Descritivo, pois procura conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social e demais aspectos do conhecimento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos como, por exemplo, a família, e comunidades maiores. Exploratório, pois não elabora hipóteses a serem testadas, tendo como intuito apenas a formulação de objetivos e a aquisição de maiores informações sobre a relação pais e filhos e sua importância para a prevenção de IST e aids⁹.

O contexto desta pesquisa foi uma escola da rede pública de ensino fundamental e médio, localizada na periferia do município de Fortaleza-Ceará-Brasil, que tem vínculo com o Projeto de extensão AIDS: Educação e prevenção do Departamento de Enfermagem/FFOE da Universidade Federal do Ceará. Esse trabalho faz parte de um Projeto Integrado de Pesquisa denominado *Educação em Saúde no Contexto da Promoção Humana – uma investigação na enfermagem*, e conta com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

O estudo foi realizado com 68 (sessenta e oito) pais ou responsáveis de alunos adolescentes do Ensino Fundamental II, da 5ª a 8ª série que se encontravam na faixa etária de 10 a 15 anos, que foram convidados a participar do estudo no momento de uma reunião de pais e mestres solicitada pela direção da escola. A faixa etária escolhida para os filhos foi baseada na idade com que, freqüentemente, os jovens estão se iniciando na vida sexual (entre 15 e 18 anos) e como o nosso objetivo é a prevenção, buscamos idades mais precoces.

A aproximação com o grupo de estudo foi facilitada pela relação já existente entre os participantes do Projeto de pesquisa AIDS – Educação e Prevenção do Departamento de Enfermagem da UFC e a escola. Familiaridade essa obtida através de algumas atividades de Educação em Saúde sobre temas diversos realizadas nessa instituição.

Para alcançarmos os objetivos previstos, foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário com perguntas de múltipla escolha. Nessas perguntas foram levantados dados de identificação pessoal, situação econômica, comportamento e conhecimento dos pais, os quais podem ser vistos nas análises que seguem. Os pais foram informados quanto aos objetivos da pesquisa e foi solicitado seu consentimento por escrito de forma que nos autorizasse a utilizar os dados coletados para uso da pesquisa e divulgação. Através desse documento e segundo as normas da resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, os pais tomaram conhecimento que suas informações pessoais seriam mantidas em sigilo e só seriam utilizadas as informações obtidas relacionadas aos objetivos do estudo para fins científicos e que mesmo depois de assinado o termo de consentimento poderiam desistir da pesquisa a qualquer momento que achassem necessário¹⁰. Esta pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal do Ceará em 04/09/2003.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com base nos objetivos deste estudo, primeiro apresentamos o perfil dos pais e em seguida os dados referentes ao conhecimento desses acerca das IST/Aids e como se dá o diálogo entre pais e filhos sobre sexualida-

de. Os dados estão organizados em quadros e tabelas e comentados com base na literatura acerca do assunto.

Perfil dos pais participantes do estudo

Na tabela 01 apresentamos o número e o percentual de pais segundo a idade dos filhos. O fato de se incluir neste estudo pais de crianças a partir de 10 anos de idade é explicado pela precocidade da iniciação sexual e a necessidade do despertar mais cedo dos pais para meios educativos.

TABELA 01 – DISTRIBUIÇÃO DOS RESPONSÁVEIS PELOS ADOLESCENTES SEGUNDO A IDADE DOS ADOLESCENTES. FORTALEZA, 2004.

Idade dos filhos	Número de pais	
	Nº	%
10	2	2,94
11	19	27,94
12	13	19,11
13	21	30,88
14	6	8,82
15	7	10,29
Total	68	100,00

Dos participantes do estudo 72,05% eram do sexo feminino e 13,23 eram do sexo masculino, o restante não respondeu o grau de parentesco. Apesar do aparecimento de avós como sujeito da pesquisa, na discussão será utilizado o termo “pais” quando houver referência aos participantes do estudo. Essa porcentagem elevada de mulheres (mães e avós) quando comparada com a de homens já era previsível devido a grande responsabilidade que é dada às mulheres na educação dos filhos. Essa responsabilidade se torna ainda maior visto que, das mulheres participantes 4,08% eram viúvas, 14,28% separadas, 40,81% solteiras e 40,81% casadas ou juntas, ou seja, é bastante significativa a porcentagem de mulheres que têm que educar seus filhos sozinhas, sem um companheiro (59,17%). Já o total dos homens do estudo ou são casados ou vivem em união consensual, tendo alguém com quem dividir essa responsabilidade.

No que se refere a faixa etária os participantes do estudo se encontram entre 31 e 55 anos.

A distribuição dos pais quanto ao sexo dos filhos foi equilibrada: 52,94% foram pais de meninas e 47,05% de meninos. Esse resultado nos chamou atenção, pois achávamos que o interesse em participar de um estudo voluntário que envolvesse o comportamento sexual de filhos adolescentes seria maior nos responsáveis por meninas, devido à preocupação quanto aos riscos de uma gravidez na adolescência, pois quando ocorre sabe-se que, em termos culturais, isso implica em prejuízos maiores para as meninas.

Em termos das condições econômicas, esse grupo de pais recebe entre menos de 1 à 3 salários mínimos, assim distribuída: 38,23% têm uma renda familiar mensal de menos de um salário mínimo, 50% está entre um e dois salários mínimos e 11,76% está entre dois e três salários. Em termos de serviços de saúde, acesso às ações de prevenção e tratamento, este grupo é cliente do Sistema Único de Saúde. Entendemos que a condição sócio-econômica na qual as famílias do estudo estão inseridas, representa um fator de risco para uma IST e até mesmo a infecção pelo HIV.

Quanto à escolaridade, a maioria só tinha o ensino fundamental incompleto. Entretanto se somarmos a quantidade de pessoas que nunca estudou com a que não completou o ensino fundamental, notamos que 58,82% não completaram esse grau de escolaridade. O nível de escolaridade dos participantes pode ser visto na Tabela 02.

TABELA 02 – DISTRIBUIÇÃO DOS PAIS DOS ADOLESCENTES SEGUNDO A SUA ESCOLARIDADE. FORTALEZA, 2004.

Escolaridade	Número de Pais	
	Nº	%
Nunca estudou	4	5,88
Ensino Fundamental incompleto	36	52,94
Ensino Fundamental completo	8	11,76
Ensino Médio incompleto	6	8,82
Ensino Médio completo	14	20,58
Total	68	100,00

Acreditamos que a escolaridade dos pais é um fator que pode influenciar no processo de comunicação entre pais e filhos. A baixa escolaridade dos pais pode dificultar o diálogo acerca de sexualidade com seus filhos e o acesso a informativos ou outros meios de comunicação.

Conhecimento e atitude dos pais diante da prevenção das IST/Aids

Todos os participantes da pesquisa se mostraram interessados frente ao tema. Algumas perguntas investigaram a atitude dos participantes diante de uma pessoa portadora do HIV. O Quadro 01 evidencia o comportamento dos participantes acerca da simulação de contato com uma pessoa portadora desse vírus. Esses dados foram obtidos através das seguintes situações: o contato com um desconhecido portador do HIV na piscina e o contato na rua com um conhecido que tem Aids.

QUADRO 01 – DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS REFERENTES AOS PAIS FRENTE A UMA PESSOA PORTADORA DO HIV. FORTALEZA, 2004.

Continuariam tomando banho e abraçariam o amigo.	76,47%
Continuariam tomando banho, <i>mas</i> cumprimentariam o amigo de longe.	8,82%
Sairiam discretamente da piscina e cumprimentariam o amigo de longe.	2,94%
Sairiam discretamente da piscina, <i>mas</i> abraçariam o amigo.	11,76%

Evidenciamos pelos posicionamentos dos sujeitos que atitudes de preconceito ainda existem contra uma pessoa com Aids. 14,70% disseram que sairiam discretamente da piscina caso percebesse uma pessoa com Aids, enquanto os 85,29% restante continuariam tomando banho. Diante de um amigo com quem há algum tempo não falavam, mas que sabia que tinha a infecção, 11,76% cumprimentariam o amigo apenas de longe, já 88,23% dariam um grande abraço e conversariam com o amigo. Essas atitudes de preconceito ainda presente em alguns dos participantes podem ser resultado do medo e da pouca informação sobre as formas de transmissão do HIV.

As respostas do grupo nos levam a inferir que os pais dos adolescentes são pessoas com conhecimento e preconceitos variados. Há nesse grupo: pessoas que sabem que na piscina ou em um abraço não se pega aids (76,47%); outras, que por suas respostas terem sido contraditórias, parecem demonstrar preconceito e não medo de contaminar-se (20,58%). Há ainda no grupo, pessoas que suas respostas podem ser em razão tanto do limitado conhecimento dos meios de transmissão, e conseqüente medo de conta-

minação, como por preconceito diante de uma pessoa portadora do HIV (2,94%).

Apesar de grande parte dos pais demonstrar certo grau de conhecimento sobre os modos de transmissão pelo HIV, a maioria deles ainda não revelou em suas respostas evidências de comportamento livre de riscos, o que pode ser decorrente da falta de sensibilização, ainda devido ao “pensamento mágico” que diz: “comigo isso não acontece”. Tal fato pode ser demonstrado pelos dados referentes ao uso de camisinha pelos participantes que podem ser vistos na Tabela 3:

TABELA 03 – USO DE CAMISINHA PELOS PARTICIPANTES DO ESTUDO. FORTALEZA, 2004.

Uso de Camisinha	Número de Participantes	
	Nº	%
Nunca usam	26	38,23%
Às vezes usam	15	22,05%
Sempre usam	19	27,94%
Abstinentes sexualmente	2	2,94%
Não responderam	6	8,82%
Total	68	100,00

De acordo com Laurence Steinberg¹¹, psicólogo e autor que serve de referência nos Estados Unidos quando o tema é educação de crianças e adolescentes, é possível resumir toda a gama de atitudes e reações que os pais devem se condicionar a ter em relação aos filhos em dez regras. A primeira regra diz que os filhos copiam muito mais o comportamento dos pais do que seus ensinamentos, conselhos ou lições¹¹. Portanto, não adianta os pais darem inúmeros conselhos de que é preciso usar camisinhas para se evitar uma IST/aids ou uma gravidez indesejada se eles mesmos não assumem esse comportamento.

Existem vários fatores que inibem o uso de preservativos e acabam representando um obstáculo à prevenção da aids. O uso consistente do preservativo é de 58% entre pessoas com parceiros eventuais e 11% entre pessoas com parceiro fixo, depreende-se que uma grande parcela da população ainda não aderiu ao hábito de usar camisinha constantemente¹².

Para melhor compreensão dos dados da Tabela 03, achamos importante relacioná-los ao estado civil dos participantes. Desta forma temos a seguinte realidade:

TABELA 04 – ASSOCIAÇÃO ENTRE SITUAÇÃO CONJUGAL E A REFERÊNCIA AO USO DE CAMISINHA PELOS PARTICIPANTES. FORTALEZA, 2004.

Uso do preservativo camisinha	Casado	Solteiro	Viúvo	Separado
Sempre	11,76%	13,23%	2,94%	—
Às vezes	11,76%	10,29%	—	—
Nunca	27,94%	4,41%	—	5,88%
Abstinentes sexualmente	—	—	—	2,94%
Não respondeu	2,94%	5,88%	—	—

Desse quadro podemos concluir que os participantes casados são as pessoas que mais se acham livre do risco de contrair alguma doença, pelo fato de terem um parceiro fixo acham-se protegidos, mas sabemos que essa segurança é uma ilusão visto a crescente incidência de aids em mulheres casadas.

A geração de pais deveria estar mais sensibilizada do risco de contraírem uma IST/aids que a geração de adolescentes atual, pois diferentemente daquela dos anos 80 e início da década de 90, a atual não viu seus ídolos e amigos morrerem por aids¹³. Se os próprios pais não se acham em risco de contraírem uma IST, provavelmente não vão achar que seus filhos correm esse risco e não vão sensibilizá-los para que estes assumam uma atitude livre de riscos.

Foi perguntado aos pais acerca do diálogo existente entre eles e adolescentes, o resultado encontrado segue no Quadro 03:

QUADRO 03- DIÁLOGO ENTRE OS PAIS E SEUS FILHOS ADOLESCENTES. FORTALEZA, 2004.

Conversam com seus filhos sobre sexo/sexualidade	50,00%.
Não conversam	27,94%
Só conversam quando são abordados	22,05%

Evidenciamos que 50,0% dos pais conversam com seus filhos sobre sexo/sexualidade, 27,94% não conversam e 22,05% só conversam quando são abordados por seus filhos sobre o tema. Como um dos motivos para esse baixo índice de diálogo entre pais e filhos sobre sexo/sexualidade poderia ser o medo que os pais sentiam em despertar precocemente em seus filhos a curiosidade ou o desejo sexual, foi investigado se os pais concordavam com essa hipótese. Encontramos que 33,82% dos pais responderam que sim e

os 66,17% restante responderam que não, o que fez com que essa hipótese fosse descartada.

Uma outra hipótese para essa questão poderia ser o hábito cultural de não se falar sobre sexo, da idéia que ainda se tem do sexo ser algo feio, do tabu que envolve a sexualidade humana. Nesta pesquisa esta segunda opção pode ser bem aceita, visto que apenas 8,82% dos participantes conversaram com seus pais sobre esse assunto durante a sua adolescência e, como há uma tendência de se espelhar nos pais para se criar um filho, muitos deles continuam a não conversar. A tendência dos filhos imitam o comportamento de seus pais é tão forte que a ciência já considera tal fato como parte da evolução da espécie¹¹.

Os pais da geração atual de adolescentes são pessoas que viveram sua adolescência em uma época de rebeldia e que agora estão divididos entre o autoritarismo e a permissividade, encarando com dificuldade a tarefa de educar os filhos. Muitos deles acabaram esquecendo-se de seus anos de rebeldia e passaram a agir da mesma forma que seus pais, com proibições, imposições e pouca conversa, principalmente quando os temas são namoro, horário e sexo¹³.

Resultado surpreendente foi o observado a respeito da situação que causava maior preocupação entre os pais em relação aos filhos, dentre as quatro opções permitidas na questão elaborada observou respectivamente: Más Companhias (44,11%), Drogas (35,29%), IST/Aids (14,70%) e finalmente Gravidez Precoce (5,88%). O que indica que os pais ainda não estão preocupados com o comportamento sexual de seus filhos, talvez por estarmos em uma “onda” de violência que acaba deixando a sexualidade em segundo plano, ou ainda pelo fato das questões que envolvem sexo/sexualidade serem um tabu como descrito anteriormente.

Houve uma contradição, pois apesar desse baixo índice de conversa, 80,88% dos pais participantes dessa pesquisa “elegeram” a família como maior responsável em ensinar aos adolescentes formas de prevenção sexual e a única forma de se ensinar é através do diálogo, mais uma vez as questões sobre a dificuldade de se falar com os adolescentes se sobressai.

A última pergunta feita aos pais foi para saber a opinião deles sobre a maior dificuldade encontrada por pais

de adolescentes para falar com seus filhos sobre sexo, como estratégia para descobrir a dificuldade encontrada por esses familiares em falar com seus adolescentes. Foram dadas seis possíveis alternativas que poderiam demonstrar essas maiores dificuldades, a quantidade de escolhas que cada alternativa teve segue abaixo:

QUADRO 04 – OPINIÃO DOS PARTICIPANTES ACERCA DA MAIOR DIFICULDADE ENCONTRADA POR PAIS DE ADOLESCENTES NO DIÁLOGO COM SEUS FILHOS. FORTALEZA, 2004.

Os pais não têm conhecimento para falar sobre o assunto	11
Os pais têm conhecimento, mas não gostam de falar sobre sexo com seus filhos.	5
Os pais têm conhecimento, mas não sabem como abordar sobre essa questão.	27
Os pais não têm conhecimento, não gostam e não sabem falar sobre isso.	5
Os pais não sabem ou não querem reconhecer que seus filhos já possuem conhecimento sobre o assunto	8
Os pais esperam que a escola ensine seus filhos sobre sexo e prevenção	12

Encontramos uma parcela significativa de pais que acreditam que mesmo quando se detém conhecimento, esses não sabem como abordar o assunto. Ainda foi bastante significativo o número de pais que enfatizam a falta de conhecimento acerca do tema, conseqüentemente atribuem à escola a função de orientar seus filhos. Sugere-se que o número de pais que esperam da escola a educação sexual dos seus filhos pode estar relacionada tanto à falta de conhecimento do assunto como à dificuldade em sua abordagem, dado observado entre diversas situações apresentadas neste estudo.

CONCLUSÃO

Com base nos objetivos propostos para este estudo foi possível evidenciar que os participantes da pesquisa, ou seja, os responsáveis pelos adolescentes ainda não encaram seus adolescentes como pessoas possíveis de contaminarem-se por alguma infecção sexualmente transmissível ou até mesmo pelo vírus da imunodeficiência humana. Tal fato pode ser explicado por a população desse estudo ter sido extraída de uma comunidade da periferia de um grande centro urbano, que vivencia diariamente os problemas ocasionados pela violência que acomete principalmente as ci-

dades grandes. Neste caso, a sexualidade dos adolescentes acaba ficando em segundo plano.

Apesar dos participantes demonstrarem um certo grau de conhecimento acerca das formas de contaminação e prevenção das IST/Aids, ainda não assumiram um comportamento livre de riscos e suas atitudes ainda revelam a existência de preconceito contra portadores do HIV.

Com relação ao diálogo estabelecido entre pais e filhos acerca do tema sexualidade, constatamos que metade dos participantes informaram conversar com seus filhos sobre esse assunto, todavia se faz necessário uma investigação mais aprofundada sobre os diversos aspectos que envolvem essa conversa ou interação e de confrontar junto aos adolescentes como isso ocorre.

Esta pesquisa possibilita diferentes contribuições no contexto das IST/aids e oferece relevantes informações acerca dos responsáveis por adolescentes. Também oferece subsídios a todos aqueles que trabalham com adolescentes em diferentes contextos e realidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Ministério da Saúde (BR). Coordenação Nacional de DST e Aids. Bol Epidemiol Aids, 1998; 11 (1): 9-11.
2. Castilho EAS, Chequer P. A epidemia de Aids no Brasil. In: Ministério da Saúde (BR). Coordenação Nacional de DST e Aids. Secretaria de Projetos Especiais em Saúde. A epidemia de Aids no Brasil: situação e tendências. Brasília, 1997. p. 9-11.
3. Teixeira PR. Boletim Epidemiológico – Abril a Dezembro de 2002. Disponível em: <www.abcd aids.com.br/> Acesso em: 22 mar. 2003.
4. Santos Junior JD. Fatores etiológicos relacionados à gravidez na adolescência: vulnerabilidade à maternidade. In: Schor N, Mota MSFT, Castelo Branco V. Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento. Brasília: Ministério da Saúde; 1999. p. 223-9.
5. Lino GGS et al. Perfil da adolescente grávida. [online] [Acesso em: 2003 mar 22] Disponível em: < http://www.saudebrasilnet.com.br/trabalhos/trabalho32.asp>
6. Vieira NFC, Paiva TCH, Sherlock MSM. Sexualidade, DST/AIDS e adolescência, não quero falar, tenho vergonha. DST J Bras Doencas Sex Transm 2001; 13(4):46-51.

7. Fernandes AFC, Gurgel AH, Julião TC. Prevenção de DST/Aids: uma abordagem junto a famílias de adolescentes. Rev. Rene 2001 jan/jul; 2 (1):53-9.
8. Filgueiras SL, Deslandes SF. Avaliação das ações de aconselhamento. Análise de uma perspectiva centrada na pessoa. Cad Saúde Pública 1999; 15 (supl.2):121-31.
9. Bervian PA, Cervo AL. Metodologia científica. 4ª ed. São Paulo: Makron Books; 1996. p. 47-50.
10. Ministério da Saúde (BR). Conselho Nacional de Saúde. Sobre pesquisas envolvendo seres humanos. Bioética 1996; 4 (2 supl.):15-25.
11. Zakabi R. 10 regras fáceis para educar seus anjinhos. Rev Veja 2004; 37 (29):70-7.
12. Mesquita AC. Prevenção nas políticas públicas. O Povo 2003 nov 30; Ciência & Saúde: 2.
13. Dantas E, Martins E. Como os nossos pais? Rev. Época. p. 76-82, 8 de setembro de 2003.

Nome	Assinatura	Data

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7. Fernandes AFC, Gurgel AH, Julião TC. Prevenção de DST/Aids: uma abordagem junto a famílias de adolescentes. Rev. Rene 2001 jan/jul; 2 (1):53-9.

8. Filgueiras SL, Deslandes SF. Avaliação das ações de aconselhamento. Análise de uma perspectiva centrada na pessoa. Cad Saúde Pública 1999; 15 (supl.2):121-31.

9. Bervian PA, Cervo AL. Metodologia científica. 4ª ed. São Paulo: Makron Books; 1996. p. 47-50.

10. Ministério da Saúde (BR). Conselho Nacional de Saúde. Sobre pesquisas envolvendo seres humanos. Bioética 1996; 4 (2 supl.):15-25.

11. Zakabi R. 10 regras fáceis para educar seus anjinhos. Rev Veja 2004; 37 (29):70-7.

12. Mesquita AC. Prevenção nas políticas públicas. O Povo 2003 nov 30; Ciência & Saúde: 2.

13. Dantas E, Martins E. Como os nossos pais? Rev. Época. p. 76-82, 8 de setembro de 2003.

...com o objetivo de avaliar a eficácia das intervenções realizadas...

...de acordo com os critérios estabelecidos no protocolo de pesquisa...

...os dados foram analisados estatisticamente utilizando-se o teste de...

...os resultados obtidos foram os seguintes:

CONCLUSÃO

Conclui-se que as intervenções realizadas foram eficazes para...

...reduzir a incidência de DST/Aids entre os adolescentes...

...e promover a adoção de práticas saudáveis de vida...

...recomenda-se a continuidade das ações de prevenção...

RECEBIDO: 20/10/04

ACEITO: 21/03/05